

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Redactor Principal
MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração
Rua D. Marcelino Franco, 14—TAVIRA

Director, Editor e Proprietario

Dr. JAIME BENTO DA SILVA

ASSINATURAS

Série de 10 números—Tavira e Freguesias Rurais . . . 6500
: 10 — Para outras localidades . . . 7500
: 10 — Africa . . . 12500

Composição e Impressão
Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

NÃO SE RESTITUEM ORIGINAIS QUER SEJAM OU NÃO PUBLICADOS

AVENÇA

Problema a Considerar

As pessoas que diletantemente se apregoam como inimigas do Estado Novo não se cansam de afirmar que o mesmo Estado Novo vive à custa de perseguições sem conta e de violências de toda a natureza. Chamadas a concretizarem as suas afirmações e a apresentarem os nomes das vítimas é certo e sabido que a resposta não passa os estreitos limites do «diz-se». Em geral não se abona qualquer afirmação e tudo se considera absolutamente sério e legítimo.

Ora já não sucede o mesmo com os que acusam firmemente os pares desses reviro-comunistas. Quando se afirma que os Partidos Políticos colocaram o País na dependência, como se costuma dizer, vêm logo à memória e aos lábios a instabilidade do Poder Executivo, sobejamente demonstrada na existência de 44 governos em 16 anos, um dos quais teve de vida apenas 12 horas! Outros não saíram dos 8, dos 23 e dos 32 dias; as estradas e os Portos arruinados; o fomento nacional ao abandono; a desordem nas ruas e nos espíritos, a bancarrota nas finanças.

Quando se afirma que os Partidos Políticos cometeram as mais revoltantes violências e fizeram perseguições sem péso nem medida logo nos acodem à lembrança as prisões a êsmo que em determinada altura atingiram o número de dezenas de milhares. Basta dizer que foi necessário recorrer a edifícios diversos improvisados em casas de reclusão. Sobre o assunto devem ver-se os jornais da época, suficientemente claros e elucidativos.

Quando se afirma que os Partidos Políticos protegeram o crime logo nos ocorrem os assassinatos, os «suicídios» e os atentados praticados dentro das prisões e as horrosas carnificinas que terminaram pelo «19 de Outubro». Lembrem-nos as façanhas da «Legião Vermelha» resumidas e relatadas pelo «Século» no seu número de 1 de Março de 1932. Enchem nada menos de quatro páginas, faltando, ainda, a relação dos chamados crimes «políticos».

Quando se afirma que lavrava a arbitrariedade no recrutamento do funcionalismo público aparecem deante dos nossos olhos os 30 suplementos e a «Lei do afasta» que atirou para a miséria com desoito mil servidores do Estado—só por não serem da confiança do Partido Democrático!

Pergunta-se: Quando e onde é que o Estado Novo teve um património desta natureza? Onde estão as suas violências? Onde os crimes que praticou ou deixou praticar? Onde as prisões em massa? Esquece-se que Portugal é dos poucos países que, em boa verdade, não tem presos políticos?

O mais interessante, porém, é que enquanto se exige que os Partidos Políticos castiguem todos os que não os apadrinhem nega-se ao Estado Novo o direito de reprimir as manobras dos agitadores políticos e dos agentes revolucionários. Entendemos que não vale a pena comentar. Não deixaremos de referir, porém, que a melhor resposta que se lhes pode dar é prosseguir intemeratamente o caminho iniciado.

O problema posto pelos inimigos da grandeza de Portugal nem nos diz respeito, nem nos interessa. Somente o consideramos para mostrar que temos razão nas ideias que adoptamos e nos processos que seguimos. Isso nos basta.

Melhoramentos para o Algarve

O plano de obras a realizar e estudos para o ano corrente pela Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos foi já publicado no «Diário do Governo». O Algarve recebe uma cota importante desses melhoramentos pela Direcção Hidráulica do Guadiana, quer em realizações, quer em estudos.

Mas, não podemos deixar de lamentar que o rio e a barra de

Casa do Povo de Santa Catarina da Fonte do Bispo

Para auxilio da construção da sede deste organismo corporativo, já bastante adiantada, foi concedido um subsídio de 15.000\$ pela Junta Central das Casas do Povo.

Assinaí o «Povo Algarvio»

Tavira continuem abandonados como se não pertencessemos à mesma Pátria.

Os repatriados de TIMOR

Foi apoteótica a manifestação com que o povo de Lisboa recebeu os repatriados de Timor. E bem mereciam essa recepção aqueles Portugueses que tão longe da Mãe Pátria e isolados do mundo pela ausencia completa de comunicações, souberam manter com alvivez e brio o nome de Portugal.

São dignos dos maiores elogios, são Portugueses de hoje que souberam escrever uma página de martirio e dedicação pela Pátria, merecedora de figurar lado a lado de tantas outras páginas semelhantes que enobrecem a História das nossas descobertas e conquistas.

Nada quebrou a sua dignidade de Portugueses. Desde o Governador cuja preocupação máxima era ter companheiros de armas para reocupar a colónia assim que se desse o que ele calculava inevitável, até aos mais humildes lá residentes, todos se comportaram como homens conscientes das responsabilidades que sobre os seus ombros pesavam, a de entregar intacta, em plena soberania portuguesa, a mais longínqua mas igualmente querida, das nossas Províncias ultramarinas. E a reocupação deu-se; os portugueses levando o seu sacrifício ao máximo da resistência humana, os nativos auxiliando-os com uma lealdade permanentemente mantida contra todas as pressões.

Que sejam bem-vindos à casa materna.

Entre os recém-chegados vieram alguns algarvios, dois de Faro e um de S. Braz d'Alportel. Este ultimo fazendo parte do grupo de 40 antigos deportados por situações anteriores ao 28 de Maio. Uma representação destes ex-deportados, na qual entrava aquele nosso comprouviano, foi, em nome dos seus camaradas, cumprimentar e agradecer aos srs. Ministros do Interior e das Colónias as facilidades que lhes foram concedidas.

Não podemos deixar de salientar aqui o magnífico auxilio prestado aos repatriados necessitados pelo Socorro Social.

Dos regressados faz parte, também, um oficial de Infantaria, o sr. Tenente Jaime Ramalho dos Santos que durante alguns anos prestou serviço em Infantaria 4, então nesta cidade.

Pelas admiráveis crónicas e entrevistas que o jornalista Ferreira da Costa publicou no «Século», alguma coisa veio já a lume da briosa acção que o Tenente Ramalho ali desenvolveu á frente de uma coluna.

Por todos estes motivos e porque Ramalho dos Santos aqui deixou as melhores recordações entre os seus numerosos amigos, enviamos-lhe em nome de todos eles um grande abraço de boas vindas e de felicitações.

Agradecimento

A família da falecida Victorina da Conceição Assis, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-la á sua ultima morada, no dia 19 do corrente.

A Grã-Bretanha toma posição pelo Ocidente

Como ao germânico, falta ao eslavo o sentimento da proporção. O messianismo, aparentemente justificado pelos factos, tomou aspecto vertiginoso. Hoje os Estreitos, amanhã Tânger, a Indonésia, guardas-avancadas no Báltico, na Islândia. Onde acabam os direitos da URSS? Quem o dirá? Pedro o Grande? Lenine? Estaline?

Entretanto nos colóquios londrinos a Inglaterra defronta um interlocutor intratável, que ignora ou quer ignorar, o b a ba da arte política; que não transige, não cede, não compreende os pontos de vista alheios, gargalha em vez de sorrir. O diálogo diplomático, já desastroso com o prussiano, agora com o tártaro é impossível. Bastava a presença do camarada Gromyko para fazer cair um ministério de Chamberlain.

Então entra em cena o senhor Bevin. Enorme, truculento, mãos calosas e o coração ao pé da boca, o ministro Bevin é precisamente o homem que os ditadores proletários haviam de ser obrigados a escutar. Alguns dos argumentos que usou na polémica histórica, rudes, sinceros, têm poder de choque. Todavia, por muito que aperte a necessidade, confessamos não ter podido ler sem profundo constrangimento e humilhação as palavras do honrado trabalhador ao sinistro Vichinski, explicando a permanência de tropas britânicas na Grécia: Se pensais isso de mim, não sou digno de estar no meio de vós!

Vichinski não esperava tanto, com certeza; e é lícito imaginar que houvesse melhor forma de pôr a questão. Mas deveras importa o facto. Era preciso que Estaline soubesse que a Grã-Bretanha está decidida a defender o

Império e as estradas do Império. Claro que Bevin, quando exige que se não ponha em dúvida a sua boa fé democrática, quer significar: não consentimos que um governo escravo de Moscovo se instale em Atenas, porque a Grécia está no caminho das Índias. E quando advoga a boa fé democrática da Holanda na Indonésia, quer significar: uma Indonésia em chamas pegaria fogo ao rastilho de pólvora que une Singapura a Calcutá.

Admiremos a maleabilidade da política britânica. Os Estados Unidos não se adaptam ao ambiente «soviético» da O. N. U. Byrnes obteve êxitos pessoais, mas, demasiado inteligente ou puritano, acabou por ceder ao dinamismo adverso. Notou com pasmo que o sentido de comunidade imperial é a Rússia que o interpreta; a democracia autêntica defende-a também a Rússia; a civilização ocidental progride na Rússia; e é portanto a Rússia que pertence dirigir, comandar, promover, excomungar o regime de Franco no momento em que as eleições se fazem além-Vistula sem oposição e com agitadores encarregados de aquecer a temperatura eleitoral.

A Inglaterra entendeu, com estoicismo, que devia beber o cálice de fel até à última gota. Bateu o pé e agora irá por diante. Não conta com os Estados Unidos, cuja lealdade vacilou no acto da assinatura do empréstimo. Dirige-se afoitamente à Comunidade Britânica.

E enquanto a Inglaterra toma em mão o seu destino, as nações europeias procuram encontrar-se a si-mesmas entre lutos e dores. Nem tudo soçobrou na tormenta.

F. A.

Governador Civil de Faro

O sr. Governador Civil de Faro, Dr. Antero Cabral, que já regressou de Lisboa, tratou no Ministério da Educação, de diversos casos respeitantes aos estabelecimentos de ensino do distrito; no Gabinete Técnico dos Aeroportos Civis, da construção do campo de aviação de Arábica, cujo projecto deve estar concluído no fim deste mês; na Direcção Geral de Urbanização, dos pedidos de comparticipação feitos pela Câmara Municipal de Lagos para a construção de um bairro de 80 casas destinadas a famílias pobres, e de um campo de jogos; da ampliação do hospital e ainda de outros assuntos referentes aos demais concelhos; no Ministério das Obras Publicas e na Direcção Geral dos Serviços Electricos, da projectada electrificação dos concelhos de Silves e Lagos, linha Lagos-Sagres.

Acompanhado do presidente da Câmara Municipal de Olhão, delegado da Direcção Geral dos Desportos e architecto Jorge de Oliveira, tratou, também, da construção do Estádio Municipal de Olhão; e com o sr. comandante Henrique Tenreiro, da Comissão Central das Casas dos

Pescadores, da construção do hospital de Olhão e de outras realizações a levar a efeito na Fuzeta.

O sr. Governador Civil também apresentou ao sr. Ministro das Obras Publicas a comissão de louletanos que se deslocou a Lisboa a fim de pedir para que a sua terra fosse beneficiada com um desvio da linha ferrea que passasse junto daquele importante centro comercial e agrícola.

Publicações recebidas

«O Pluto».—Acabamos de receber este interessante semanário infantil ilustrado, uma das melhores publicações do seu género em Portugal.

«O Pluto», além de ser uma interessante distração é uma publicação bastante instrutiva para a petizada e por isso a recomendamos aos pais.

«Gazeta dos Caminhos de Ferro».—Temos presente o último número desta simpática revista de turismo dedicado á quadra festiva do Natal.

Eça de Queiroz

Futebol

FESTA DE ENCERRAMENTO

do Curso de Sargentos Milicianos de 1945-46

Quando há aproximadamente um ano publicámos um artigo acerca de Eça de Queiroz, a que se seguiram mais dois, tínhamos na mente continuar a série iniciada, pondo os leitores do «Povo Algarvio» ao corrente de todas as manifestações comemorativas da passagem do centenário do grande Romancista.

Circunstâncias várias, todavia, não nos permitiram fazer o que pensávamos, limitando-nos, pois, a fazer, de vez em quando, em «Miradouro», referências rápidas a algumas das conferências pronunciadas em diversas colectividades, culturais ou regionalistas, dentre elas distinguindo-se as leídas a efeito pelo Secretariado Nacional de Informação no Circulo Eça de Queiroz.

Encerrando o ciclo destas últimas, realizou-se uma elegante festa a que assistiram as mais representativas figuras nas Letras, nas Artes, na Diplomacia e na Política e na qual colaboraram o escritor António Ferro, as declamadoras Maria Manuel Couto Viana e Manuela Reis, a artista Carmen Dolores, o escultor Alvaro de Brée e o poeta Rui Correia Leite. Em nome da família do homenageado, António Eça de Queiroz, pronunciou um discurso de que transcrevemos parte, por serem verdadeiramente interessantes as afirmações feitas.

«...Idealizam-no alguns super-janota, super-civilizado, de monoculo irónico e agressivo, sarcasticamente cinico, superiormente amoral muito «arredado» da Pátria, colocando a arte acima da moral, misturando-se á vida intensa das grandes capitais, frequentando as redacções celebres, privando com a aristocracia internacional das letras, da finança, da politica e do sangue... um pouco como o Arthur Corvelo de «A Capital», idealizava a vida ardente e as orgias dos poetas, na sorumbática e pacata Lisboa de 1870 que ele julgava ser uma frenética Babilónia.

«Outros o desenham por forma divertidamente contraditória com lápis mais grosseiro, em que o romancista aparece assoberbado por «complexos de inferioridade» como horrendamente é uso hoje dizer-se, crassamente supersticioso, ridiculamente snob, ferozmente iconoclasta, amargamente céptico, vivendo encalacrado numa azeda mediocridade, e de aparência tão esqualida, que nos dá a impressão de estar sempre preses a entrar na agonia.

Também este falso Eça coloca a sua arte acima da moral, e os seus «caricaturistas» não duvidam pó-la por conta própria, ao serviço dos ideais políticos que defendem e que procuram impor-nos.

A verdade é outra, completamente: Eça de Queiroz não era, seguramente, como estes ultimos o apresentam, o simbolo um pouco grotesco, insalubre e doentio de uma personalidade sem elegancia, sem riquezas naturais morais e materiais. Artista incomparavel, nunca se deixou seduzir pelo «slogan» exclusivista «arte pela arte»; escreveu pondo-a corajosamente, cruelmente mil vezes, ao serviço exigente duma moral salutar, servindo se dela como duma arma terrível contra os erros, os vícios, os ridiculos, os exageros em todos os campos e em todas as esferas sociais.

Foi, sem duvida alguma, um elegante e um civilizado no mais alto significado destes termos, mas era um homem de interior e de familia. As casas em que viveu em Inglaterra e em Paris eram pedaços de Portugal e direi mesmo, tão ciosamente defendidas de intrusões estrangeiras, teimosos redutos portugueses...

Eça de Queiroz, o criador de Fradique, de João da Ega, de Jacinto, não facilitou a tarefa dos seus biografos... Este homem de génio, é um homem sem historia... Não teve como Byron, ou Wilde, ou d'Annunzio uma existencia extravagante de ribalta que fez a fortuna dos seus historiadores... Tão grande como eles, ou maior e mais completo como escritor, como artista, foi-lhes seriamente inferior em desregramento de vida, em desvaivamento de fantasia.

Na verdade, compreende-se que os biografos de Eça de Queiroz o traem com certo rancor... serviu-os mal.

Por trás das paredes familiares da casa de Neully criara-se um mundo admiravel de alta elegancia moral; um mundo que se bastava a si próprio, que dispensava o espirito e a «verve» estrangeira, que não precisava sair para encontrar distracção, e que falava, que vivia, que pensava português.

Os resultados deste portuguesismo integral, deste nacionalismo que foge de misturas, que se recusa a ser vedeta, que abomina o espalhafato, a hipocrisia, todos os snobismos, e as frases feitas com que se pintam as grandezas e os fastos dos grandes internacionalismos, transparece flagrante, sadio e limpo na larga obra do escritor em que, á parte as folhas da «Cidade e as Serras» onde a vida de Paris só nos é desenhada para podermos respirar melhor e mais deliciosamente, ao subir a rude encosta da serra que leva a Tormes e á felicidade, toda a obra de Eça de Queiroz vive, ri ou sofre em Lisboa ou na provincia portuguesa. O seu amor, a sua ternura, a sua constante saudade de Portugal, encheu de ponta a ponta os seus livros, mesmo nas páginas em que ataca, ironiza e açoita os erros e os ridiculos portugueses que o irritavam, o vexavam, o entristeciam, justamente pelo facto de serem portugueses».

C. T.

SONETO

Assim a Jesus Cristo eu encontrava
(Oh quanto de mim próprio andara ausente!)
Tal como Pedro quando, o mar em frente,
Deu com o Céu por onde o mar andava.

E assim falei... Não sei se me escutava:
Talvez no seu olhar dorido e ardente
Batesse, ao longo, a dor de Tóda a gente,
Mais que em macia praia a onda brava.

—«Senhor! e que Nação, chegando ao dia,
Verá tornar tão alta Monarquia,
Já do teu Reino mais um tanto igual?!»

Então, cheio de povo o olhar deserto,
Nas vozes de Camões, seu livro aberto,
Jesus me respondeu:—« Bem sabes qual... »

António Correia de Oliveira

Do «Elogio da Monarquia»

O desafio com a R. A. F. despertou o maior entusiasmo no nosso País, mesmo entre os não aficionados ao jogo da bola. O Estadio do Jamor provou que não tinha sido exagerada a forma como o grande Ministro Duarte Pacheco o «viu». Nele couberam mais de 60.000 pessoas, mas alguns milhares mais ficaram sem bilhete por já lá não poderem entrar.

O resultado do desafio foi admiravel porque demonstrou que temos bons futebolistas pelos diversos clubes do País.

E que o empate foi merecido, já não falamos em vitória, significa-o bem claramente o afan com que os ingleses lutaram no ultimo quarto de hora para arrancar o tento da vitória.

Nem por isso e no consenso unanime de criticos e de jogadores, os nossos visitantes deixam de ser os mestres consagrados desse desporto. Mas, os desafios ganham-se marcando mais goals que os adversarios. Que venha, como está já anunciado, o Portugal-Inglaterra para os nossos jogadores alargarem mais os seus conhecimentos, especialmente, da tactica do futebol.

Isto dos desafios de futebol se ganharam em tentos marcados faz lembrar os resultados dos desafios do Olhanense com o Benfica e com o Sporting. Devia ganhar em ambos, mas foram os outros quem anincharam mais vezes a bola nas rédes contrarias.

Levantou-se o Olhanense no seu desafio com o Belenenses que ia á cabeça da classificação. Bem mereceu a victoria desse desafio o Olhanense, no qual brilhou Grazina, acima dos 22 jogadores em campo, apesar de já ser considerado um veterano. Não queremos deixar de o felicitar. Aliás, duma maneira geral, o vencedor jogou melhor. Entre os vencidos, sobressairam Quaresma e Feliciano.

Estas considerações e escritas por um curioso, depois do critico da especialidade já ter dito de sua justiça, vêm a proposito do castigo aplicado aos nossos comprouvianos.

Não discutimos a penalidade. Mas não podemos deixar de estranhar que, para um desafio daquela categoria, tivesse sido escolhido para arbitro o mesmo individuo que já tinha demonstrado as suas habilidades no desafio Olhanense-Estoril.

Quem dirige tem de atender, tambem, a pequenas coisas, se pequena coisa se pode considerar a apreciação do clima que, em determinada ocasião, gosa um arbitro a dentro dum dos clubes cuja contenda desportiva ele vai julgar.

Depois, têm imensa razão os que dizem que, de um bom ou de um mau arbitro, depende em 50 % a maneira como um desafio decorre. Haja em vista a forma estremamente lisongeira com que unanimemente foi apreciada a arbitragem do francês Delasalle.

Uma outra anotação. Os «fusiosos» não compreendem que, com os seus exageros clubistas, só prejudicam os seus idolos e o seu club? Não basta assobiar, gritar e, etc., das bancadas?

Depois, as almofadas fizeram-se para nos sentarmos e deminuir assim a incomodidade da pedra.

Este número foi visado pela Delegação da Censura.

Vende-se

Uma casa na Rua das Olarias, n.º 15 composta de rez do chão, sotão e quintal. Com entrega da chave.

Quem pretender dirija-se a António Reis—Tavira.

Como havia sido anunciado no nosso ultimo número, realizou-se no passado domingo, no Quartel da Atalaia, a festa de encerramento do Curso de Sargentos Milicianos que funcionou no Centro de Instrução de Infantaria de Tavira, sobre a proficiente orientação do ex.º sr. Major João Carlos Basto de Lima, oficial distinto, militar correcto e cumpridor.

Esta pequenina festa, que decorreu num ambiente quasi de familiaridade, reuniu contudo a presença do elemento oficial da nossa terra que, num gesto de espontânea simpatia, não quiz deixar de acompanhar, no momento da despedida aos seus alunos, o Comandante do C. I. I. sr. Major Basto de Lima.

Ali vimos os ex.ºs srs. Dr. Ramos Passos, Presidente da Câmara, Capitão de Cav.ª Jorge Filipe Ribeiro, Comandantes das Secções da G. N. R. e G. F. e da Legião Portuguesa, correspondentes dos jornais diários, algumas senhoras e cavalheiros.

O Batalhão de Instrução e a Formação formaram em parada. O primeiro inteiramente commandado por alunos, desfilou depois da entrega dos prémios em continência perante o seu Comandante.

Antes da distribuição dos prémios, o sr. Maj. Basto de Lima, falou aos alunos despedindo-se de todos eles onde em cada um deixou um amigo, exortando-os a que pela vida fora saibam sempre honrar as tradições gloriosas do Exército Português e o bom nome do C. I. I. onde receberam a instrução que os tornou aptos a serem amanhã considerados militares briosos de Portugal.

A seguir, o sr. Asp. Estaca dirigiu algumas palavras aos alunos aconselhando-os a seguirem, na sua carreira militar, o exemplo maravilhoso desse grande português que foi Mousinho de Albuquerque, e cujo retrato foi nessa mesma manhã inaugurado com toda a solenidade no Gabinete do Comandante do Centro.

Logo depois, o aluno Rufino R. Cabral, cheio de entusiasmo disse da diferença que todos os seus camaradas faziam hoje, da-queles primeiros tempos da sua chegada a Tavira, e como todos se achavam reconhecidos ao seu Comandante, aos srs. Officiais e aos Sargentos, pelo modo como haviam sido tratados e principalmente pelos ensinamentos colhidos durante seis longos e arduos meses de trabalho intenso, onde não sobrava o tempo para diversões...

Feita a chamada dos alunos mais classificados de cada um dos pelotões e com estes formados em frente do Batalhão, foi-lhes feita entrega dos respectivos prémios, pelos srs. Officiais Comandantes dos respectivos pelotões, que os abraçaram.

O sr. Major Basto de Lima, o sr. Cap. Adjunto, Machado e os srs. Comand. de Comp.ª, Cap. Crispim e Marques, cumprimentaram igualmente os premiados não conseguindo alguns deles reprimir a comoção própria de um momento que de certo ficará inolvidavelmente gravado na sua memória.

Foram premiados:

1.ª Companhia

1.º Pel.—Joaquim António Florêncio, (B. Caç.5)—(Algarve).
2.º Pel.—Albano Araújo de Sousa, (B. Caç. 10)—(Porto).
3.º Pel.—Fernando T. Monteiro e Silva, (B. Caç. 5)—(Coimbra).

2.ª Companhia

1.º Pel.—Eduardo Rod. Mendes J.º, (B. Caç. 10)—(Madeira).
2.º Pel.—João A. F. Brandão Soares, (R. I. 3)—(Beja).
3.º Pel.—Manuel José de Almeida, (R. I. 14)—(Vizeu).

Não queremos encerrar esta noticia sem felicitar o Comando do C. I. I. e o seu Adjunto Sr. Cap. Machado, pelos melhoramentos introduzidos no Quartel

da Atalaia, destacando, entre muitos, as novas dependencias do Quarto do Oficial de Serviço e da camarata dos Sargentos e ainda, especialmente a «Sala do Soldado», onde eles poderão passar as suas horas de folga num ambiente acolhedor que lhes faça esquecer um pouco a familia, distancia e as noivas sempre saudosas.

A Sala encontra-se muito bem arranjada, não lhe faltando já uma razoável biblioteca com livros de caracter militar e recreativo, bem como jogos, jornais diários, revistas, etc..

O «Povo Algarvio», neste momento em que os rapazes já seguiram cada um ao seu destino, os Officiais e os Sargentos estão a debandar para as suas terras, não quer deixar passar a oportunidade sem apresentar a todos os seus cumprimentos de despedida, pedindo que o Ex.º Sr. Major Basto de Lima, seja interprete, junto dos seus subordinados, destes votos.

Boa viagem, pois! Muitas felicidades! E até ao próximo C. S. M.; Tavira, que desde 1939 os vê desfilar pelas suas ruas, já se habituou aos «seus milicianos».

Companhia de Pescarias do Algarve

Acabamos de ser informados que a ultima Assembleia Geral da Companhia de Pescarias do Algarve (Médo das Cascas) resolveu crear um Fundo de Previdência para os seus trabalhadores, ideia essa que já na época transacta, foi ensaiada e com ótimos resultados.

Dos 15 contos que tinham sido capitalizados, a Assembleia Geral fez a seguinte distribuição: 4 contos para o Hospital da Misericórdia de Faro; 4 contos para o Hospital da Misericórdia de Tavira e os 7 contos restantes para serem administrados em beneficio dos «Companheiros» por uma Direcção constituída por um delegado da Direcção da Companhia e para que foi escolhido o sr. Dr. António Galvão, pelo «Mandador» e por um dos «escrivães» da «companha».

Felicitemos calorosamente a Companhia de Pescarias do Algarve pela admiravel noção que tem demonstrado de estar integrada no momento social, de que já havia uma prova no seu incomparavel «Arraial», como pela continuação da protecção dispensada ao Hospital da Misericórdia de Tavira, de que é um dos mais antigos e valiosos beneficeiros.

Santa Casa de Misericórdia de Tavira

Hospital do Espirito Santo

Estatística de 1945

Consulta externa—1.468 consultas.

Posto de Socorros—Tratamentos, 7.255; doentes, 717; operações de pequena cirurgia, 106; falecimentos, 0.

Serviço de Cirurgia Geral—(inaugurado em 24-8)—Consultas, 102; Operações de grande cirurgia, 59 (em 9 sessões operatorias); falecimentos, 0; hernias, 21; ectopia, 1; gastro-enterostomia, 3; ginecomastia, 2; apendicectomia, 7; hidrocele, 4; gastrectomia, 2; histerectomia, 3; mamectmia, 1; colpoperineorrafia, 1; aneextomia, 1; gastropexia, 1; etc..

Clinica Geral—enfermarias—doentes internados, 189; falecimentos, 10; (fractura da coluna vertebral, 1; septicemia, 1; nefrite, 1; cirrose atrofica, 1; caquexia, 5).

Maternidade—doentes internadas, 12; nascimentos, 9; falecimentos, 0.

A acção social do Estado Novo

A obra social do Estado Novo tem merecido as mais variadas críticas nos últimos tempos. Comentam uns por despeito. Atacam outros por animosidade. Verberam quasi todos porque não souberam nem quiseram fazer melhor.

Bem sabemos que uma actividade social só se poderá exercer quando encarada num plano de conjunto que resolva todos os problemas. Sabemos também que o nível de vida da população portuguesa, por ser demasiado baixo não comporta sacrificios de monta. Não desconhecemos igualmente o desinteresse nacional por tudo quanto não represente vantagens imediatas de caracter material. Estamos porem seguros de que a mentalidade portuguesa se vai aos poucos modificando e que, dentro em breve, poderemos contar com um conjunto de boas vontades úteis aos fins que temos em vista.

Sintoma claro destas palavras, encontramos-lo no apoio que a campanha do socorro de inverno teve por todo o país, campanha essa que se ampliará no corrente ano de 1946 atingindo então o seu verdadeiro sentido de socorro social que todos lhe pretendemos imprimir.

Nem só ao Estado compete esta obra de assistência. Ela depende em grande parte da boa vontade e compreensão de todos, porque só com o auxilio de todos poderá triunfar e progredir.

O papel que ao Estado cabe, tem sido desempenhado de forma brilhante pelos seus executores. Veja-se a obra das casas económicas. Atente-se no salário mínimo e nas regalias concedidas aos trabalhadores. Examine-se ainda a série infindável de medidas tomadas, todas elas tendentes a proporcionar ao povo português aquelas condições de vida julgadas indispensáveis e concluir-se-á que muito se fez do muito que estava para fazer quando os homens da Revolução assumiram o poder.

Esta obra social tem toda sido feita sem alardes nem grandes reclames. Tem sido feita porque se reconheceu a sua urgência e necessidade e, sobretudo porque se pretende encarar o panorama da vida nacional numa visão de conjunto que seja util ao futuro da população.

E' necessário fazer mais e produzir melhor. Mais e melhor faremos porque a continuidade governativa assegura o futuro e garante os resultados da obra.

V. Soares

Criadas

Precisam-se 2 no Hospital da Misericórdia de Tavira.

Informações

Exportação de conservas do Algarve

Foi publicado um decreto-lei sujeitando ao imposto de 1 por cento «ad valorem» para a Junta Autónoma dos Portos de Barlavento do Algarve as conservas de deixe e marisco produzidas nos concelhos de Lagos, Portimão e Lagos e saídas por qualquer via com destino a exportação. O mesmo diploma revoga a alínea a) do artigo 2.º da lei n.º 1.585 e o n.º 1.º do artigo 5.º do decreto-lei n.º 15.204 no que se refere às conservas mencionadas no artigo 1.º, e o artigo 41.º do regulamento aprovado pelo decreto n.º 10.914, na parte referente a conservas, anulando-se na tabela, a que se refere o mesmo artigo «Mercadorias saídas» determinadas rubricas.

Lagares de azeite

Durante o mês de Fevereiro os proprietários ou donos da exploração de lagares de azeite, devem enviar à Junta Nacional do Azeite, atestado das autoridades administrativas locais, provando que os seus lagares não funcionaram durante a campanha anterior, porque só assim deixarão de ser colectados. As falsas declarações são punidas com o pagamento integral da taxa devida.

PELA IMPRENSA

«Jornal de Lagos» — Entrou no 20.º ano de publicação o «Jornal de Lagos», dirigido pelo dedicado nacionalista sr. Jacques de Oliveira Neves, a quem apresentamos os nossos cumprimentos, desejando muitas prosperidades.

«Aléo» — O Boletim de Edições Gama vai marcando um lugar de relevo à parte na Imprensa de Lisboa. E' pena que aquelas dificuldades que tanto costumam dificultar a vida das publicações anti esquerdistas no nosso País lhe diminuam as possibilidades de desenvolvimento a que logicamente aspirava. No último número lá vem o, já habitual neste sector de ideias, apelo aos amigos para que o auxiliem, pelo menos, contribuindo para o aumento das assinaturas. Quanta razão tem Rolão Preto na sua revolta contra a «Traição da Burguesia», anti-nacional e anti-humana, por falta de senso e de intelligencia.

E' do «Aléo» o artigo que noutra lugar transcrevemos sobre a posição da Inglaterra na O. N. U.,

PELA CIDADE

Procissão de Cinzas — No próximo dia 10 de Março, realiza-se nesta cidade, a grandiosa e tradicional Procissão de Cinzas, uma das mais lindas e importantes do Algarve.

A Comissão encarregada da sua organização está procedendo ao peditório pela cidade.

Plano de Urbanisação — Foi reforçada com 22.000.000, pelo Ministério das Obras Públicas, a verba de 6.000.000, destinada aos estudos e elaboração do plano de urbanisação de Tavira, o qual está entregue ao distinto architecto sr. Raul Lino.

Farmácia de Serviço — Encontra-se de serviço urgente durante a corrente semana a Farmácia Simplicio

Santa C. da Misericórdia — Para facilitar o pagamento dos fóros e juros, continúa aberta todos os domingos, das 12 às 15 horas, a Secretaria desta instituição.

Visita do estudo — Os alunos do 6.º Ano da Escola de Regentes Agrícolas, de Evora, acompanhados do sr. Engenheiro-Agrônomo, António Nunes Piçarra, estiveram nesta cidade, visitando o Posto Agrario do Sotavento do Algarve onde lhes foram prestadas todas as informações para o melhor resultado da sua excursão. Os alunos e professor foram convidados para assistir a um baile que se realizou no Club de Tavira.

Casa Sameiro — E' este o nome do novo e moderno estabelecimento de artigos de miudezas, tecidos, malas, calçado, perfumaria, papelaria, etc., que hoje se inaugurou, na Rua 1.º de Maio, n.º 58.

A sua proprietária sr.ª D. Natalia Pedroso Jorge de Oliveira, desejamos muitas prosperidades nos seus negocios.

Quem sabe da Escala Não se rala.

O mais completo dos alfaiates
ROCHA Alfaiate
TAVIRA

admirável pela exposição concreta de um assunto que bastante interessa aos portugueses.

Notícias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Hoje — Sr. Humberto Sérgio de Brito Avó.

Em 25 — Srs. Coronel Jaime Pires Cansado e Artur Eugénio Quaresma.

Em 26 — Sr. Fernando Viegas Ventura.

Em 28 — D. Victoria Maria Gomes Correia, D. Alda da Graça Lopes, menina Alice Batista Romão Lopes e menino Olavo Sezinando Monteiro Batista.

Em 1 de Março — Srs. Dr. Rui d'Avelar Santos, José Júlio Alves Leandro e Custódio Adrião de Jesus Pires Nunes e António Germano Lopes.

Em 2 — Srs. Drs. Rogério de Campos Cansado e Nuno Falcão Ponce.

Partidas e Chegadas

Regressaram de Lisboa os srs. José Pedro Barão Jor., dignissimo funcionario da Caixa Geral de Depósitos, Eduardo Guerreiro, proprietário, Luiz Santos, dig.º funcionario do Registo Civil em Olhão e Correspondente de «O Seculo», nesta cidade, Daniel Dias, empregado de escritório, que ali foram assistir ao desafio de foot-ball entre a R. A. F. e a Seleção Militar Portuguesa.

— Regressou da Capital, o sr. Bernardino Mateus, conceituado comerciante da nossa praça.

— Foi á Capital, o sr. Dr. Martiniano Santos, distinto médico nesta cidade.

— Regressou de Lisboa, o sr. João Inácio Dias, conceituado industrial.

Doente

Tem passado incomodado de saúde o nosso querido amigo, sr. Capitão Jorge Ribeiro, Director-Gerente da Companhia de Pescarias Balsense e eleito Presidente da Direcção do Gremio de Lavoura de Tavira. Rápidas melhoras são os nossos votos.

Estabelecimento em Beja

Bom e antigo estabelecimento comercial, optimo local, trespassa-se.

Trata nesta cidade: António Joaquim Manita.

Uma Cidade Moderna

é sempre apreciada por todos quantos se interessam pelo progresso!

Uma exposição permanente

é sempre nota de modernismo!

— Assim a Livraria — Papelaria

«Casa Brasil»

expõe todas as noites as ultimas novidades de Livros Nacionais e Estrangeiros recebidos dia a dia das casas Editoras.

— Esta casa facilita a compra a prestações semanais de 2.50.

— Se lhe interessa ler e instruir-se compre livros na Livraria

«CASA BRASIL»

Manuel Alexandre

Rua da Liberdade — TAVIRA

Compramos Livros Usados

Pela Província

Concelção de Tavira

Regressou de Lisboa, onde permaneceu algum tempo a menina Isabel do Sacramento Eugénio, filha do sr. Joaquim Eugénio, das Cabanas.

Doente — Motivado por uma dor, encontra-se bastante doente em Tavira, o nosso presado contrerrâneo e assinante, sr. Zacarias Bento Fernandes.

Fazemos sinceros votos pelo seu rapido restabelecimento.

Barápios — Na noite de oito do corrente, os larápios tentaram entrar nas capoeiras do nosso amigo e assinante, sr. José de Jesus (Montanheiro), mas não conseguiram, porque ao tentar fazê-lo foram surpreendidos pelo proprietário das mesmas. — e.

Santo Estevão

Melhoramentos — Foi superiormente aprovado o lugar onde vai ser construido o novo cemitério desta freguesia, melhoramento que há tanto tempo se vinha reclamando.

Espera-se igualmente agora, que as estradas que ligam a esta aldeia sejam também reparadas.

Falecimento — Na sua residencia, faleceu no passado dia 20 do corrente, a sr.ª D. Quitéria de Mendonça, esposa do sr. Joaquim Fernandes Morgado, proprietário em Sto. Estevão.

A familia enlutada endereçamos sentidos pesames. — e.

Desenhos

Riscar dos mesmos e Ampliações, encarrega-se pessoa competente.

Nesta redacção se diz.

CARLOS PICOITO

ADVOGADO

Avenida da Republica, 120-122

FARO

Consultas em Tavira, às quintas feiras, no escritório do solicitador Carmo Peres

Publicações recebidas

«Boletim do Gremio dos Industriais de Transportes em Automoveis» — N.º 15. Extrato de sumario: coordenação de transportes automoveis; discurso, pelo Engenheiro Ferreira da Silva; informações tecnicas; legislação; contratos colectivos de trabalho; relatório da comissão administrativa; etc..

«Antena» — Revista de T. S. F.

«A Guitarra» — Revista de canções populares.

Da Sinceridade na Poesia

Conferência por GARCIA MARTINS

(Continuação do n.º 606)

E não nos admiremos, consequentemente, de que António Botto seja considerado Poeta de primeiro plano dentro da sua maneira pessoal de ser e de sentir. Se é certo que as suas poesias são por vezes irreverentes, não é menos certo que só uma sinceridade enorme — sinceridade apavorante e desassombrosa — justifica o valor dos seus versos que tantos louros lhe tem criado.

E assim como citei António Botto, poderia citar Fernando Pessoa nos seus vários heterónimos. E citando Fernando Pessoa, poderia falar de Casais Monteiro nos seus Poemas, quantas vezes obscuros e herméticos mas em que uma nota de sinceridade os vinca e eleva.

Reparo agora que o Pensamento me levou para outro campo, aparentemente descabido: — o campo do tema poético. Citando Vieira da Cruz, Sidónio Muralha, António Botto, Miguel Torga, Casais Monteiro e Fernando Pessoa, cá si sem querer, no problema — chamemos-lhe problema substancial da poesia.

Curioso é notar que os Poetas citados representam correntes várias dentro do mesmo «Métier».

No entretanto, se bem repararmos, não nos será difícil concluir que entre eles há um ponto comum a ligá-los, como se eles pudessem formar um todo homogénio.

Não é possível, no âmbito do meu trabalho, analisar cada um de per si, cuidadosa e imparcialmente. Mas se o fizesse, isto é, se me fôsse permitido fazer uma análise concreta, não recitaria concluir «apriori» que esse ponto comum era a sinceridade individual de todos eles.

Na verdade, se bem que entre Sidónio Muralha e Fernando Pessoa não haja afinidades temperamentais; se bem que o poema Maria Fácil do primeiro, em nada se ligue

à Ode Marítima do segundo, a verdade porém, é que lido um e outro (e ainda que os pseudo-admiradores da poesia moderna tenham Fernando Pessoa por mestre e padrão) ficamos sem bem poder definir uma attitude, tal é a beleza de cada um dos poemas citados.

E ainda que Muralha seja o Poeta que fala ao coração e Fernando Pessoa o Poeta que fala à intelligencia, somos forçados a não dar uma opinião concreta e definida.

Todavia em ambos há qualquer coisa que os irmana. E esse «qualquer coisa» que não é nem mais nem menos que o ponto comum que os liga, resume-se, na sinceridade — a sinceridade de exprimir o que há dentro das suas almas.

E a comparação feita entre estes dois Poetas poderia fazer-se ainda entre outros quaisquer modernistas ou clássicos! E o resultado seria o mesmo.

E' que a beleza do verso de hoje não depende sómente da sua musicalidade e ritmo como pretendeu Teophile Gautier.

Li águres que a produção poética, e em geral a obra, de arte, relatam sempre qualquer coisa porque expressam sempre alguma coisa.

E nunca esta afirmação teve mais oportunidade do que no momento actual em que a poesia moderna se afaste do molde clássico como que para demonstrar que a métrica não passa dum atributo dispensável, isto é, que só a ideia importa como razão primacial do valor de determinado poema.

Esta característica — sinal de progresso ou retrocesso, não importa discuti-lo porque o trabalho visa outro fim — prova de certo modo que é bem necessário que o Poeta de hoje seja mais sincero de que nunca.

De resto, «quanto mais elevado é o sentimento expressado por determinada obra de arte, tanto mais facilmente conseguirá impôr-se e vingar».

Mas para tanto é necessário que esse sentimento corresponda inteiramente à verdade.

E creio que, a alongar-me em mais considerações, seria forçado a tornar demasiado extenso este meu trabalho. Demais a mais, teria de entrar ainda em função com o problema da poesia moderna e descer a uma análise minuciosa e fatigante, não para mim mas para quem me escuta. Do que fica exposto, porém, julgo poder concluir-se que a sinceridade na poesia é um predicado absolutamente indispensável.

E ainda que essa sinceridade seja por vezes contundente e pareça redundar, como no caso de António Botto num atentado contra principios éticos é bom não esquecer que «toda a arte profundamente humana é imoral» como afirmou Gaspar Simões. Imoral pelo que encerra de verdadeiro e sincero. Imoral pelo que encerra de vida: com todas as suas angústias e com todas as suas misérias. Imoral, repare-se, não no sentido de falta de pudor, mas no sentido mais lato de libertação de principios estabelecidos!

Em boa verdade, e uma vez que a poesia de hoje deu um passo em frente, quer no campo formal quer no campo ideológico, não é razoável que condenemos o Poeta por ele se servir de um assunto, quantas vezes pueril e aparentemente destituído de valor, de conteúdo poético!

Há tanto de maravilhoso numa écloga de Bernardim ou num soneto de Bocage, como de extraordinário num poema de José Régio ou de Alvaro Feijá.

E embora não possamos deixar de entrar com o tempo como função de evolução no problema artistico, forçoso é acreditar que, hoje como no tempo dos cancioneros medievais, a sinceridade do Poeta não mudou.

A mesma sinceridade que a D. Diniz permitiu escrever as sublimes Cantigas de Amigo ou de Amor é a mesma que deixou a Sá Carneiro a liberdade de escrever o Quasi.

Hoje como ontem, hoje como no futuro, será imutável, como elemento primordial de valor poético, a sinceridade de quem faz o Poema.

Instalações, Reparações e Soldadura a Autogénio

Senhores Agricultores

Desejais montar grupos moto-bombas, para tiragem de água para régas, e motores para mover engenhos, ou aproveitar a força grátis do vento para obter electricidade para rádio e luz?

Fornece propostas e orçamentos e examina gratuitamente os locais o Agente de casas nacionais

LADISLAU SOARES

Rua da Liberdade, 84 — TAVIRA

Câmara Municipal de Vila Real de Santo António

ANUNCIO

Concurso público para a arrematação da empreitada de Construção da Avenida da República (1.ª fase) em Vila Real de Santo António

Faz-se público que pelas 15 horas do dia 20 de Março de 1946, no edificio da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, perante, a Comissão para esse fim nomeada nos termos das Leis e Regulamentos em vigor, se procederá à abertura de propostas para a arrematação da empreitada de construção da Avenida da República, 1.ª fase, em Vila Real de Santo António.

O projecto, programa do concurso e caderno de encargos estarão patentes todos os dias úteis, das 11 às 17 horas, na Secretaria da Câmara.

A base da licitação é de 959.700\$00.

Para ser admitido ao concurso é necessário efectuar na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdencia, ou nas suas filiais, agencias ou delegações, o depósito provisório de 23.993\$00, mediante guia passada pela Secretaria da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António.

O depósito definitivo será de 5 % (cinco por cento) do valor total da adjudicação.

Secretaria da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, 12 de Fevereiro de 1946.

O Presidente da Câmara, Substituto,

Luiz Acacio Cardoso de Figueiredo

Batalhão de Caçadores N.º 4

ANUNCIO

O Conselho Administrativo faz público que no dia 7 de Março próximo, pelas 14 horas, se procederá à arrematação do fornecimento de forragens a verde para os solípedes do Centro de Instrução de Infantaria de Tavira e adidos, nas condições constantes do caderno de encargos que se acha patente todos os dias úteis, das 14 às 17 horas, na Secretaria do mesmo Conselho.

Quartel em Faro, 20 de Fevereiro de 1946.

O Chefe da Contabilidade,

Hermenegildo Chaves de Paiva
Capitão

BOAS CAÇADAS

Só se fazem com boas espingardas

Estão provadas as **JAVALIS**

cuja marca é de inteira confiança tanto em material, como em disposição de carga e alcance.

Agência em Portugal:

Espingardaria Algarve

TAVIRA

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira

Com o fascículo n.º 156, que acaba de ser distribuído, fica completo mais um volume, o 13.º desta obra incomparável, que já soma um total de mais de 13.000 páginas soberbas publicadas. Afirma-se assim o empreendimento cultural e editorial mais ousado e importante deste século em Portugal e estão de parabens os seus editores proprietários, a esculpida e acreditada Editorial Enciclopédia, Ld.ª da Rua António Maria Cardoso, 33, em Lisboa.

Este fascículo agora aparecido, profusamente ilustrado e acompanhado de belas estampas em separado, inclui artigos notáveis como os que são dedicados a *Interpolação, Interpretação, Interssexualidade, Intervenção, Intestino, Intoxicação, Intuição, Invasão, (Invasões Francesas), Inventário, Inversão, Inviolabilidade, Ionização, Ionosfera*, etc. e entre os seus colaboradores estão os consagrados professores e publicistas especializados Coronel Ribeiro de Almeida, Cunha Gonçalves, Júlio Gonçalves, Lopes Graça, Barahona Fernandes, Eduardo Moreira, António Sérgio, Manuel Valadares, Ferreira de Mira, Frederico Oom, Celestino da Costa, Dias Amado, Marques Guedes, Cardoso Júnior, Cruz Filipe, Otero Ferreira, Sousa Leite, Torre de Assunção, Peres de Carvalho, Laranjo Coelho, Barros Bernardo, Baeta Neves, etc. etc..

Num esforço digno de nota, estão imediatamente à venda os 13.º volumes encadernados em toda a espécie de encadernação, recebendo-se também, dos assinantes, os seus fascículos para encadernar nas melhores condições de preço.

Também continuam a fazer-se as vendas da obra completa por pagamentos suaves, com entrega dos 13 volumes já completos com o primeiro pagamento do contrato a efectuar com a prestimosa Editorial Enciclopédia, Ld.ª

CARNAVAL

Como nos anos anteriores, a nossa casa apresenta os seguintes artigos de seu comércio para o primeiro

Carnaval da Paz

Serpentinas, Confetti, Mascaras, Mascarins, Postais Carnavalescos, Papel Plissado para Fatos, Bonés de Papel, Artigos para Ornatações, Eto., Eto.

Visitem as nossas exposições

TODAS AS NOITES!!!

Em distribuição exclusiva para os nossos dedicados fregueses Lindos Calendários para 1946.

Seja freguez da PAPELARIA

Casa Brasil - Tavira

Prédio

Vende-se um na Rua Almirante Cândido dos Reis, n.º 58 a 68, que consta de rez do chão e 1.º andar.

Ótimas acomodações e preço acessível.

Quem pretender dirija-se a José Vaz Madeira—Tavira.

PROPRIEDADE

Vende-se, toda murada, com água, casa para caseiro, com 78 mil metros quadrados de terreno, no lugar de Sinagoga, freguesia de Santo Estêvão de Tavira.

Dirigir ofertas para J. A. S.—Rua Correia Garção N.º 13-1.º—Lisboa.

VENDE-SE

Uma casa com 1.º andar no sitio da Bornacha, próximo à Venda Nova, com varios compartimentos e pequeno desafogo. Dirigir a Jacinto Pereira Guerreiro—Cacela.

Relojoaria e Ourivesaria

“GONÇALVES”

(MERCADO MUNICIPAL)

TAVIRA

Completo sortido dos mais modernos Relógios para homens e senhoras.

Modernos e acreditados Relógios de bolso.

Relógios de parede-Carrilhões, etc.

Objectos de Ouro e Prata, Joias e lindos artigos para brindes, encontram V. Ex.ªs, neste moderno estabelecimento.

1946

Nova época da Rádio

Aparelhos construídos dentro da técnica moderna.

A última palavra em receptores de T. S. F.

Lindos modelos das mais acreditadas marcas.

Vendas a pronto e a prestações

Francisco Padinha Raimundo

Rua Dr. Parreira, 13 — TAVIRA

Encarrega-se de todas as espécies de concertos em receptores de T. S. F.

J. A. Pacheco

TAVIRA

Fábricas de moagem de Farinha espoada e ramas

Panificação Mecânica

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

Tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13